

## NUMA NOITE ESCURA



Cláudia Felício

Era bem tarde quando o vimos. Tínhamos ido a uma festa e a mãe da Taís, tia Vera, foi nos buscar. Todo mudo no carro calado, já com sono. O silêncio sepulcral no carro estava bem de acordo com a noite fria e escura que era apreciada do por todas através da janela do carro.

A primeira a ser deixada em casa foi a Renata. Ela se despediu e entrou no prédio. Sorte dela. Ninguém fazia idéia do que ainda estava por acontecer naquela noite.

Ficamos no carro eu, a Fernanda, a Taís e, lógico, a tia Vera. Começou a cair uma chuvinha fina e passávamos por uma rua cheia de árvores. Aquilo era lindo durante o dia, mas à noite era de dar arrepios. De repente, algo cruzou a pista, um vulto. A mãe da Taís deu um grito e freou bruscamente. Ninguém estava entendendo nada, ninguém que estava no banco de trás porque a Taís e a mãe viram o que tinha acontecido. Que coisa estranha era aquela? Com o susto, a tia Vera parou o carro:

--- Vocês viram aquilo? – perguntou espantada a mãe da nossa amiga.

--- Ai, não. Graças a Deus não vi nada – respondi assustadíssima.

--- Nem eu, ainda bem! – disse a Fernanda que tremia ao meu lado.

--- Tia Vera, eu tenho pavor de alma do outro mundo e essas coisas. Liga logo esse carro e vamos sumir daqui. – balbuciei.

--- Olha lá! Está escondido atrás daquele matinho ali. Mas o que é aquilo!? – perguntou tia Vera olhando fixamente para o lugar.

--- Ai tia, a gente não quer descobrir, não. Arranca logo, vamos! – implorava Fernanda.

--- Não, acho que eu o atropelai ou pelo menos o machuquei. Vamos lá ver o que é. – decretou tia Vera.

O quê? Ela só podia estar brincando! Como assim sair para ver!? Mas nem morta que eu ia sair daquele carro. Sem chance!

A Taís que ainda não tinha falado nada resolveu então se manifestar:

--- Vocês estão com medo de ir lá fora é? Vocês são muito ridículas mesmo!

Nisso, tia Vera abriu a porta do carro e saiu em direção ao matinho.

--- Não vai lá não, tia! Volta para o carro – gritei com o coração batendo muito rápido.

Mas ela não me escutou e foi andando. Taís também resolveu sair do carro para dar um apoio moral à mãe. As duas ficaram chamando alguma coisa no matinho:

--- Vem cá, Rasputin, vem. – chamava a Taís.

Por sorte o que estava no mato não queria se mostrar. Roí to-das as minhas unhas de tão nervosa. Não entendia tanta insistência para chamar o tal do vulto. Ou elas estavam ficando loucas ou eu, maluca.

Dez minutos depois voltaram as duas fazendo carinho num cachorro, um huski siberiano lindo, cinza com olhos azuis, parecia cachorro de filme, de exposição, parecia o cachorro...

--- Olha quem está aqui, meninas, o Raputin. Esse é o cachorro da Inês, mãe da Giovana, amiga de vocês. Ela tem vários huskis, mas esse é o orgulho dela. Vocês não lembram dele? Ganhou a exposição do Kenel Club ano passado.

De fato, a Gio falava sempre do cachorro dela, mas eu nunca o tinha visto “pessoalmente” ou “cachorramente”, mas por foto, sim, parecia ser ele mesmo. Minhas duas outras amigas, que já conheciam Rasputin, concordaram. Era o próprio.

Ninguém tem noção do alívio que senti quando vi que se tratava só de um cachorro. Ai, que maravilha! Decidimos então levar o tal do Rasputin para a casa da Gi. Chamamos o bicho por mais de quinze minutos e, apesar de ele estar ao lado do carro, não quis entrar de jeito nenhum. O que fazer agora?

--- Não podemos deixar um cachorro caro desses aqui – disse a Taís.

--- Também acho. A Gi é louca por esse bicho. – concordou Fernanda.

--- Gente, ele mora a trinta metros daqui. A casa da Gi é aquela rosa bem ali, ó. – falei mostrando a casa – Se ele veio até aqui, sabe o caminho de volta.

--- Pode ter fugido, ué. – falou tia Vera -- Como ele não quer entrar no carro, temos que chamar a dona dele.

É, ele podia ter fugido... Agora questão era: quem vai avisar?

--- Eu não vou. – estrilou Taís – Eu que fui lá fora com minha mãe enquanto vocês duas se tremiam de medo no carro.

--- É, eu também não posso ir. Tenho que ficar no carro, mas fico olhando daqui. – falou tia Vera e todas nós concordamos. Mas então quem iria? Eu ou a Fê? Decidimos tirar no par ou ímpar.

--- Ímpar – escolheu logo a Fê.  
Ai, que saco! Sempre dá ímpar! Sabia que a Fernanda iria ganhar. Fiquei com o par, que jeito, né?

--- Você perdeu – decretou Fernanda – pode ir.

Fui andando aquele pedacinho pensando no que eu iria falar. Eu devia falar que a barbeira da tia Vera quase atropelou o bicho? Devia falar que a gente pensou que era alguma assombração? Não... Acho que era melhor só falar que o cachorro tinha fugido.

Pronto. Finalmente cheguei em frente à casa da Gi. Toquei a campainha e vi uma luz se acender lá dentro. Ouvi a cachorrada latindo. A mãe da Gi veio vindo para o portão com cara de quem não estava entendendo nada. Os cachorros pulavam e ela os acalmava.

--- Oi. Você não é amiga da Giovana? – perguntou ainda meio perdida.

--- É, sou eu mesma. Sabe o que é... eu, hum... eu queria dizer que...

Um dos cachorros latia sem parar e ela o acalmou com carinho:

--- Calma, Rasputin. Deve ter acontecido alguma coisa. Pára de latir, meu campeão, fica quietinho – falou a mãe da Gi afagando um lindo huski cinza.

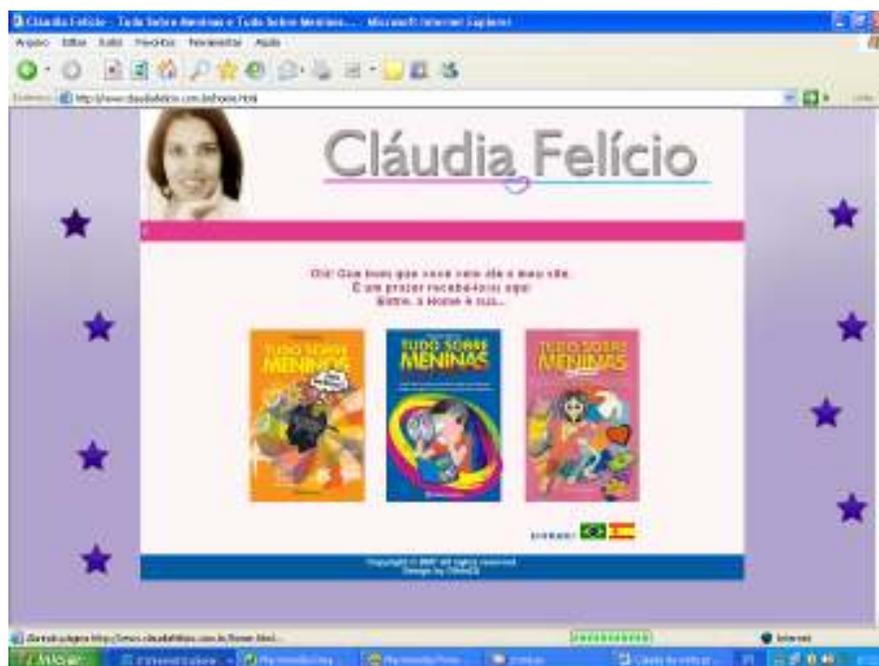
Ai, meu Deus... Eu não podia acreditar no que tinha acabado de ouvir! Naquela hora, queria que o chão se abrisse para eu sumir. Lá estava o Rasputin ao lado dela! Maldita hora que deixei a Fernanda ficar com o ímpar. Quem eu vou esganar primeiro – pensei – a Fernanda ou a Taís? (sim, porque não posso bater na tia Vera). O que eu iria falar agora? Na verdade, como eu iria sair daquela situação?

Fiz a primeira coisa que passou na minha cabeça. Dei uma de louca (no caso, de *mais* louca). Gritei e saí correndo, parecia que eu tinha surtado geral mesmo. Nem olhei para trás. Entrei no carro e fiz questão de me abaixar quando passamos em frente à casa. Pelo o que a Fê contou, a tia Inês, mãe da Gi, ficou parada no portão com cara de quem não tinha a mínima idéia do que houve. Coitada, não entendeu nada...

Eu e a Gi continuamos amigas. Contei para ela o que tinha acontecido e ela riu muito. Nunca mais a tia Inês deixou a Giovana ir à minha casa de novo. Ela ter achado que eu era uma doida varrida, aliás, com toda razão. A gente se mete em cada uma, humpf...

ACESSE MEU SITE:

[www.claudiafelicio.com.br/home.html](http://www.claudiafelicio.com.br/home.html)



Uma beijoca caprichada!